

## MEMORABILIA: UMA COLEÇÃO FEITA DE MEMÓRIAS

MAXIMIANO DUVAL DA SILVA CIRNE<sup>1</sup>; RENATA AZEVEDO REQUIÃO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – maxcirne2@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Instigado a imergir, criar e produzir conteúdo artístico no Mestrado em Artes Visuais, a partir da Linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, voltei meu olhar para o que me cerca durante o meu fazer diário. Um desses caminhos identificados foi o hábito de colecionar. Seja livros, souvenirs, bebidas, quadros, ingressos de cinema, jogos de tabuleiro, revistas e até mesmo a manutenção de itens vinculados a práticas culturais consideradas ultrapassadas, como CDs, DVDs e fitas VHS. Desta forma, fiz-me rodeado de objetos, a maior parte deles associada à cultura e ao entretenimento.

Tais coleções costumam apresentar uma organização estética associada às práticas de curadoria. Adquirem certo valor, certo pensamento, certo jogo. Cada um deles relacionados aos modos de estruturação da arte, que podem se fazer presentes no modo como se arruma uma gaveta, como se dispõe os objetos em uma estante ou como se abarrotam a geladeira (MONSELL; 2009).

Ao considerar a estetização dos ambientes, premissas de valor artístico, sou tomado por questões teóricas contemporâneas, como “consumo”, “fetiche”, além de “coleccionismo”. Para mim são questões que se agregam a uma ideia de busca pela felicidade. Isso acontece porque, sabemos, as coleções de um indivíduo são capazes de defini-lo. Os objetos que me cercam, em meus espaços íntimos, por exemplo, garantem minha identidade e meus contornos.

Na disciplina “Percursos, narrativas, descrições: mapas poéticos”, a professora Renata Requião, orientadora desta pesquisa, nos propõe explorar aquilo a qual ela nomeia de “pequeno território”. Este seria um espaço associado à memória e ao reconhecimento, no qual é possível se sentir pleno, potente e livre, prestes a toda a criação. A própria (REQUIÃO, 2014) define como um “lugar de conforto de onde emerge a criação; lugar no qual a criação se adensa”.

Percebo meu “pequeno território” como uma mistura de experiências entre alguns lugares privados, compartilhados apenas com quem me é caro. São locais habitados por variadas coleções de objetos, coleções de vida, coleções de arte, que potencializam desejos e sentimentos. Trato esse território particular como a junção do meu antigo quarto de adolescente, do sótão da minha casa, do quarto na casa de veraneio na praia do Cassino e da mesa no local onde trabalho. O “pequeno território” é composto de *layers* de nossos espaços mais significativos.

A partir destes ambientes repletos de objetos, traço relações entre “coleccionismo” e “território”, bem como considero a experiência pelos lugares por onde circulamos e vivemos cotidianamente. Identifico que existem intenções e expectativas intrínsecas à compra de um artefato, ao desenvolvimento de uma coleção, diretamente associadas à experiência estética do Campo das Artes Visuais, e vinculadas à elaboração de um “espaço expositivo” para tais itens.

### 2. METODOLOGIA

Através da perspectiva das Artes Visuais, o acúmulo do meu cotidiano, ou seja, as coleções que invento e pelas quais me sinto responsável, são analisadas

neste estudo, em sua potência artística. Considero esse vasto conjunto como uma “*memorabilia*”, palavra que, derivada do latim, refere-se a fatos ou coisas que suscitam memórias.

Neste meu caso, cada objeto associado - ou não - a um acontecimento pessoal no passado, a uma carga afetiva experimentada ou não por mim, tem garantido seu valor no seu mapa, no seu cenário, na sua vitrine em que está curatorialmente exposto. A relação entre os objetos que coleciono e minha experiência real é algo ainda por ser abordado, e naturalmente questão muito potente se considerada do ponto de vista mais largamente das Artes em geral.

A discussão sobre “coleccionismo”, “objeto fetiche”, “memória”, “objetos” e “busca por felicidade” é desenvolvida aqui sob o viés de pesquisadores e teóricos como Pierre Nora, Jeanne-Marie Gagnebin, Stuart Hall, Manuela Hargreaves, José Lopes, Renata Requião e Alice Monsell.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considero-me antes de tudo um colecionador. Segundo LOPES; JOSÉ (2010), o colecionismo pode ser definido como o hábito de juntar “coisas” que possuem propriedades ou características comuns e que servem para conhecer o mundo. A seleção desse material está associada aos ciclos de vida de cada pessoa. HALL; STUART (2006) já afirmava, em obra publicada pela primeira vez em 1992, que a cultura influencia na construção da identidade do indivíduo.

Muitas coleções iniciam, em determinados ciclos de vida, porque resultam de percepções condicionadas do mundo, atribuídas ou apropriadas nos jogos de interação característicos dos vínculos identitários estabelecidos nos grupos e nos ambientes em que os indivíduos se desenvolvem, durante a resolução dos conflitos característicos e vivenciados nesses ciclos (LOPES, 2010).

O início de uma coleção e os motivos para tal são variados. Nenhuma delas é igual. Quem faz a coleção é o próprio colecionador, de acordo com sua individualidade. A visão de LIMA; SOLANGE e CARVALHO; VANIA (2013) sobre o assunto corrobora com o defendido pelo teórico Stuart Hall. Segundo as pesquisadoras, a coleção alimenta e molda formas de identidade as mais diversas, desde aquelas de estatura nacional até outras, de natureza individual e afetiva. Os artefatos cumprem, assim, papéis de categorias sociais e psíquicas para a vida em sociedade.

Se sou um colecionador, que adquire, guarda, expõe e se apegando a objetos, posso também ser enquadrado como um feticheiro. A fetichização seria, neste caso, o deslocamento de atributos das relações entre os homens para os objetos, deixando de portar apenas propriedades como matéria-prima, peso e densidade para adquirir sentido e valores. Estes poderiam ser, conforme MENESES; ULPIANO (2013), afetivos, estéticos e pragmáticos, oriundos da mesma sociedade que os produz, armazena, faz circular, consome, recicla e, por fim, os descarta. Além de humanizar esses objetos, acaba-se por mistificá-los.

Entre os diversos encadeamentos possibilitados a partir desta perspectiva, em análise dos meus pequenos territórios, saliento a relação entre acúmulo e perda, que gradativamente tornou-se perceptível no decorrer do estudo. O acúmulo é mais fácil identificar, uma vez que todo material adquirido, arquivado, guardado e exposto faz parte de um acúmulo. A sociedade contemporânea, sustentada pelo capitalismo, estimula a valorização dos objetos e o desejo em

possuí-los, seja para a utilização do item conquistado, seja pela quantidade, na intenção de somar-se à coleção.

Esse acúmulo fez com que eu me espalhasse por diversos locais. O hábito de colecionar, agrupar e produzir excessos, atividade pessoal, pode ser associado ao conceito de “lugar de memória”, desenvolvido pelo historiador Pierre Nora, considerando os lugares públicos que retêm a memória coletiva:

A razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22).

Posto isto, passo a identificar cada um dos espaços que constituem meu “pequeno território” como um “lugar de memória” pessoal, pois são constituídos de objetos que, além de criar uma atmosfera decorativa, visam ativar recordações. É a possibilidade de parar no tempo, eternizando uma situação, que impulsiona a preservação dessa *memorabilia* carregada de poderosa carga afetiva (feita de objetos com os quais me encontrei de fato). Certamente é conforme a dimensão emocional, que os torna ainda mais valiosos, que os objetos deixam de ser apenas um bem material e por isso vão para a coleção, não sendo descartados como é o fim dos objetos ultrapassados em seu uso.

Cada uma das minhas coleções, portanto, traz consigo um caráter de memória do tempo em que o objeto foi adquirido, geralmente associado a experiências de vida. NORA; PIERRE (1993) acredita que se habitássemos nossa memória, tendo assim acesso aos fatos do passado, não teríamos a necessidade de lhe consagrar lugares. Constato que o meu “pequeno território” foi idealizado no intuito de acomodar essas memórias, assim representadas em objetos.

#### 4. CONCLUSÕES

Nesta recente experiência no Campo das Artes Visuais, parece-me que a necessidade de preservar a memória, valendo-me de intenso acúmulo de objetos aos quais organizo curatorialmente em diversos lugares por mim habitados, teria alguma relação com o “medo da perda”, talvez associado ao “medo do desamparo”, questões abordadas nuançadamente por SAFATLE; VLADIMIR (2016) em seu livro *O circuito dos afetos*. Interessante perceber, como ali coloca o autor, o quanto para Freud é do desamparo (associado ao medo) que se pode tirar forças para criar. Tal consideração parece muito potente se associada ao referido por NORA; PIERRE (1993) quando fala que o sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se com a incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios a dignidade virtual do memorável.

A capacidade de produzir arquivos, materiais, registros passíveis de coleção é consequência da nossa época. No domínio público, são documentos, imagens, objetos e testemunhos, que materializam a memória, podendo se fazer presentes tanto fisicamente quando ser acessados de modo virtual, em nossos celulares, câmeras fotográficas e computadores. Deixamos de ser uma sociedade que pouco produzia registros para nos tornarmos um grupo de indivíduos que dilatou o mundo com seus acúmulos, excessos e legados.

Os arquivos, muitas vezes, são oriundos de um receio do esquecimento. Surge como uma ocasional preocupação que induz a fazer registros fotográficos

de situações importantes ou que se compre *souvenirs* durante uma viagem para que aqueles instantes possam ser constantemente acessados. É a necessidade de uma comprovação, uma marca da experiência de vida.

Estudiosa do Benjamin, GAGNEBIN; JEANNE (2006), em seu livro *Lembrar, escrever, esquecer*, considera “o acúmulo como uma maneira de comemorar o passado em detrimento do presente”. Nostálgico, regularmente atravessado por uma sensação de saudade de um tempo que já passou, observo isso nos meus hábitos, como por exemplo o de colecionar ingressos de cinema, nos quais posso recordar a época em que assistia com assiduidade aos filmes exibidos na tela grande. É também desse apego ao passado a coleção dos itens adquiridos em viagens, reafirmando terem sido bons os momentos vividos.

A “nostalgia” é a próxima questão a ser investigada. Foi o remexer nas coleções, e acessar com elas às lembranças, que fez aflorar esse sentimento. Lembrar situações, marcadas pela sensação do agradável, parece validar a constante tentativa de evitar o desaparecimento de experiências afetivas.

GAGNEBIN; JEANNE (2006) diz que temos o sentimento forte da caducidade da existência e que, portanto, precisamos inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança. Nesta jornada, a arte e os objetos surgem como aliados, alertando para uma prática do cotidiano que, quando aproximada ao Campo das Artes Visuais, além de considerar e procurar entender o culto a essas memórias, revela-se uma espécie de antídoto para o vazio da existência rumo à felicidade esperada.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GAGNEBIN, J.M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARGREAVES, M. **Colecionismo e colecionadores: Um olhar sobre a história na arte do séc. XX**, 2014. Acesso em 14 de janeiro de 2017. Online. Disponível em: <http://bit.ly/2hz9iC3>
- LIMA, S.F.; CARVALHO, V.C. Cultura material e coleção em um museu de história. In: FIGUEIREDO, B.G.; VIDAL, D.G. (Orgs). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. Cap 2, p.89-117.
- LOPES, J.R.. **Colecionismo e ciclos de vida: Uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais**, 2010. Acesso em 6 de janeiro de 2017. Online. Disponível em: <http://bit.ly/2ya1vIQ>
- MENESES, U.T.B.. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, B.G.; VIDAL, D.G. (Orgs). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. Cap. 1, p.15-88
- MONSELL, A.J. **A (des)ordem doméstica: Disposições, desvios e diálogos**. 2009. 307f. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Instituto de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- NORA, P. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**, 1993. Acesso em 30 de julho de 2017. Online. Disponível em: <http://bit.ly/2ovodP2>
- REQUIÃO, R.A. **Engendramentos de um “lugar de memória”: a obra cosmogônica de Bispo do Rosário**, 2014. Acesso em 30 de julho de 2017. Online. Disponível em: <http://bit.ly/2xvl8rn>
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.